

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
 Rua de S. Paulo, 216

Terça-feira 15 de novembro de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 »
 Numero avulso 60 »
 Anuncios preço convencional

SUMMARY

União dos Atiradores Civis Portuguezes — Estatutos da União dos Atiradores Civis Portuguezes — Agradecimento, por ANSELMO DE SOUZA — Portugal antigo, por ZACHARIAS D'ACA — O régulo do Dahomé, por ERNESTO VIANNA — Uma cáda às cabras no Gerez — Manuel Figueira Freire da Camara — Festa íntima — Associação dos Caçadores Portuguezes — Grupo Venator — Gallinholas — Regata em Paço d'Arcos — Educação Physica, por NICOLAU FLORENTINO — Sport Club do Pará, por CYCLAMOUR — Porto, 3 de novembro de 1898, por PEDAL CHICO — Figueira da Foz — Campo Pequeno, por EL SOBRESALIENTE.

GRAVURAS

D. Leopoldina Cordeiro — D. Julieta de Mendonça e Costa — Manuel Figueira Freire da Camara.

TIRO

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Reconhecida como associação patriótica por decreto do ministerio da guerra de 13 de outubro de 1898

Sede official, carreira de tiro em Pedrouços

(Esta revista é órgão official da União)

Parte official

Commissão Instaladora

Sessão em 23 d'outubro de 1898

Ao meio dia, na Carreira de Tiro da Guarnição de Lisboa em Pedrouços, estando presentes os srs. dr. Cunha Bellem, Anselmo de Sousa, Fraga, Pedro Ferreira e Noronha. O sr. presidente abriu a sessão declarando que por decreto de 13 d'outubro publicado no *Diario do Governo* de 21 fóra a União reconhecida como instituição legal e patriótica e que o mesmo decreto approvára os seus estatutos. Nessa conformidade tomava n'esta occasião posse em nome da União, da séde que na Carreira de Tiro, o ministerio da guerra lhe concedera.



D. Leopoldina Cordeiro

Vencedora na regata de Paço d'Arcos

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão. Foi lida a seguinte correspondencia: Demissão dos socios, Val do Rio, Ponce de Macias, Correia Guedes, Soares Guedes e Luciano Flor. Da Real Associação Naval, participando a constituição de novos corpos gerentes. Da Associação dos Caixaeros, convidando para o seu sarau commemorativo d'anniversario.

Foram approvados socios os srs. Diogo Gomes, José Nunes Gonçalves, Chrysogono Nunes Pinto e J. Vieira da Silva, aos quaes ficou pertencendo respectivamente os numeros de matricula 201 a 204. Resolveu-se: Convocar segundo os estatutos, (art. 36.º) a assembléa geral para a leitura do decreto, leitura do relatorio e propostas, e eleições. Imprimir em separado e distribuir pelos socios, os estatutos, organizar e fixar premios e datas para a realização dos sete torneios a começar em 6 de novembro proximo a facultar aos associados a instrução de tiro. Encerrar as suas contas em 31 do corrente mez. Pedir á Sociedade Empreziaria do theatro de D. Mzia, a concessão de um beneficio annual para a União.

Foi encerrada a sessão ás 2 horas da tarde.

O SECRETARIO — E. de Noronha.

Assembleia Geral

Sessão em 6 de novembro de 1898.

Pelo meio dia e tres quartos, e achando-se reunidos na sala d'armas da Carreira de Tiro da Guarnição de Lisboa, em Pedrouços, os socios da União dos Atiradores Civis Portuguezes constantes da relação junta, convocados para a sessão da assembléa geral, constituiu-se a mesa pela seguinte fórma:

Presidente, dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem.

Vice-presidente, Anselmo de Sousa. Secretarios, Eduardo de Noronha e J. Fraga Pery de Linde.

Declarando aberta a sessão, e tendo tomado logar á direita do sr. presidente, s. ex.ª o sr. director da Carreira leu as ordens, emanadas do ministerio da guerra, communicando a auctorição para que a séde da União seja na Carreira e conferindo ao director d'esta, perante as assembléas geraes, as attribuições que a lei concede, em taes casos, ás auctoridades administrativas; e, terminada essa leitura, congratulou-se pela fórma pratica dada á orientação dos trabalhos da União, terminando por incitar os respectivos socios a concorrerem á Carreira.

Em seguida e por ordem do sr. presidente, leu o secretario Eduardo de Noronha o decreto de 13 de outubro flindo — leitura que foi ouvida de pé — pelo qual foram approvados os estatutos da União.

Finda essa leitura o sr. presidente declarou legalmente installada a União na sua séde official e disse que a respectiva commissão installadora depunha, *ipso facto*, perante a assembléa geral, os poderes que transitoriamente lhe haviam sido conferidos, restando-lhe dar conta dos seus trabalhos, o que se ia fazer, pela leitura do respectivo relatorio.

Lido o relatorio pelo secretario Eduardo de Noronha, — o qual relatorio fica junto a esta e se acha assignado por todos os membros da meza, — foram as suas conclusões approvadas sem discussão e por unanimidade, sendo a votação da primeira de pé e por acclamação e de pé tambem a da terceira, consignando-se que a approvação da quinta equivalia á das contas, que estavam sobre a meza e ficam igualmente juntas a esta acta.

A assembléa approvou tambem por proposta do secretario Fraga, que na acta se exarasse um voto de sentimento pelo fallecimento do socio Chauty, voto que, por proposta do sr. presidente, foi ampliado com relação a quaesquer outros socios fallecidos.

Seguidamente, o sr. presidente, lendo a parte dos estatutos referente a eleições, convidou os socios presentes a prepararem as suas listas, interrompendo a sessão por dez minutos, decorridos os quaes a reabriu e fez proceder á chamada.

Corrido o escrutinio, e servindo de escrutinadores os socios João Vieira da Silva Junior e Arcadio de Menezes, verificou-se terem entrado na urna vinte e cinco listas, numero correspon-

dente ao das descargas, sahindo eleitos para o conselho gerente:

Presidente, dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem, por 24 votos.

1.º Vice-presidente, Anselmo de Sousa, 24.

2.º Vice-presidente, José Nunes Gonçalves, 24. Vogaes: Antonio Correia Pinheiro, 25; Constantino Fontaura Guedes, 25; Chrysogono Nunes Pinto, 24; Eduardo de Noronha, 24; Gil Dias, 25; Gustavo José de Jesus, 25; Joaquim Fraga Pery de Linde, 24; João Vieira da Silva Junior, 24; José Pinheiro de Mello, 25; Pedro José Ferreira, 24; Ignacio José Franco, 25; Francisco de Paula e Mello, 25.

Para presidente, Anselmo Sousa, um voto.

Lido o resultado da votação, e não havendo protesto, o sr. presidente proclamou os eleitos e, entregando a presidencia a Anselmo de Sousa, d'este recebeu a posse, a qual conferiu depois por seu turno a todos dos presentes os que haviam sido eleitos, depois do que incitou todos os socios a frequentarem a Carreira, agradeceu a sua eleição, exaltou os fins patrióticos da Associação, fez lêr a presente acta, que foi approvada sem impugnação, e declarou encerrada a sessão.

Era uma hora e 35 minutos da tarde.

Em fé do que lavrei a presente, que vac por mim assignada, hoje, aos seis do mez de novembro de mil oitocentos noventa e oito, na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, séde da União dos Atiradores Civis Portuguezes.

J. Fraga Pery de Linde — SECRETARIO.

SOCIOS PRESENTES EM SESSÃO DE 6 DE NOVEMBRO DE 1898

A. M. da Cunha Bellem, Pedro José Ferreira, Claudio de Castel-Branco, Nicolau Taylor Vianna, J. Fraga Pery de Linde, José Antonio Nunes, Anselmo de Sousa, Agostinho Manuel de Sousa, João Consiglieri Pedrosa, João Vieira da Silva Junior, Joaquim Pedro Corréa d'Andrade, Manuel José de Magalhães, Joaquim de Sousa



D. Julieta de Mendonça e Costa

Vencedora na regata de Paço d'Arcos

Padesca, Gil Vasques da Cunha Portocarrero, Pedro Agostinho de Vasconcellos, Manuel Luiz Passarinho de Figueiredo, José Nunes Gonçalves, Augusto Seixas, Arcadio de Menezes, Augusto Ribeiro dos Santos Viegas, Antonio Joaquim da Silva, Eduardo Rodrigues, Chrysogono Nunes Pinto, Luiz Arede Correia Saraiva, Eduardo de Noronha e Ignacio José Franco.

União, previamente nomeados pelo conselho gerente, e que não tomem parte no exercício. O mesmo jury, com audiência do director da carreira, quando motivo haja, resolverá sobre as reclamações que podem ser apresentadas até á abertura da sessão immediata áquella em que o torneio se realizar.

Art. 41.º O resultado dos torneios e as percentagens obtidas pelos atiradores premiados e por todos que tenham attingido 50 por cento serão publicados nos jornaes do dia seguinte em mappa assignado pelo jury e rubricado pelo director da carreira, fazendo-se qualquer rectificação depois da sessão immediata, quando ella derive de reclamação attendida.

Art. 42.º Nenhum premio será concedido a quem não tenha attingido a percentagem de 50 por cento, e se, por falta de atiradores assim classificados, algum ou alguns premios ficarem jacentes, serão acrescentados aos do torneio immediato.

Art. 43.º Os atiradores que nos sete torneios tiverem obtido a percentagem geral de 50 por cento, ou os que, sem a attingirem, tiverem em quatro torneios alcançado a de 75 serão admitidos a um grande certamen (championato), que se realizará no mez de maio, disputando um premio unico de 100\$000 réis. A inscripção para o grande certamen é gratuita para todos os atiradores, sejam ou não socios da União.

Art. 44.º O campeão terá uma medalha unica distinctiva, que no certamen immediato entregará ao vencedor, e assim successivamente, recebendo em troca um diploma de campeão; e, se tornar a vencer no segundo concurso, conservará a medalha até ao seguinte em que não poderá concorrer, podendo-o, contudo fazer, nos certamen subsequentes, mas sempre com a mesma restricção, de modo que se não pôde ser campeão por mais de dois annos seguidos.

Art. 45.º O jury do grande certamen será constituido pelo jury dos torneios mensaes de cada anno e mais quatro membros, convidados pelo conselho de entre os officiaes do exercito ou da armada e dos socios honorarios da União.

Art. 46.º Todo o serviço da carreira, nos torneios e no certamen, será regulado pelo director d'ella, não sendo aos atiradores permitido reclamar das suas ordens.

Art. 47.º As condições dos torneios e do grande certamen, no que se refere a alvos, distancias, numero de tiros, series e desempates, serão fixadas, no começo de cada anno, pela commissão executiva, com audiência da commissão technica, e approvação do director da carreira, onde estarão patentes para conhecimento de todos os atiradores, não podendo ser alteradas no decurso do anno a que disserem respeito; e, quando ao realizar-se o primeiro torneio em outubro, se não tiverem publicado alterações ás condições do anno anterior, fica subentendido que ellas continuam regendo os torneios d'esse anno.

Art. 48.º A todos os atiradores que nos mezes dos torneios tiveram tomado parte em metade, pelo menos, das sessões de tiro, com percentagem em geral não inferior a 25 por cento, pertence a medalha de frequencia da camara municipal de Lisboa, se acaso a não tiverem obtido já em qualquer dos annos antecedentes, podendo, contudo, neste caso, se lhes for permitido, sobrepôr á medalha uma fivela designando, em algarismo, o numero de vezes que teriam direito á mesma distincção.

Art. 49.º Nos concursos officiaes que se realizarem, a União concorrerá de todos os modos para o brilhantismo da festa, estimulando a inscripção dos seus atiradores, contribuindo com o seu premio de honra, denominado *Caldas Xavier*, destinando outros premios conforme os recursos do seu cofre, e procurando obtel-os por meio de donativos solicitados a particulares, emprezas ou associações.

Art. 50.º Dos premios da União, ou dos que ella adquirir, dois pelo menos, pecuniarios, serão destinados a praças de pret do exercito, da armada ou das forças ultramarinas.

Art. 51.º No concurso, os atiradores da União sujeitar-se-hão ás condições que lhes forem impostas no respectivo plano, e quando se julguem com o direito de reclamarem da classificação, assim o notificarão ao respectivo jury, participando logo á commissão executiva os fundamentos da reclamação para que ella, julgando-a justa, a apoie e advogue perante o mesmo jury.

Art. 52.º A União, por deliberação do seu conselho gerente, approvada pelo director da carreira e com auctorisação do ministro da guerra, pôde promover que a distribuição dos premios do concurso se faça em sessão solemne, em dia superiormente marcado e na sala da sua séde, na carreira do tiro.

N'esta sessão será tambem entregue a medalha do ministerio da guerra e as de frequencia da camara municipal.

Art. 53.º A União promoverá junto dos po-

deres publicos, que seja reconhecida a sua existencia como associação de utilidade nacional, e que aos seus socios da classe civil se permita, em actos solemnes o uso de um uniforme especial.

Art. 54.º O jornal official da União é o *Tiro civil*, e continuará a sel-o emquanto da parte da sua redacção ou do conselho gerente não houver acto ou resolução que quebre o pacto e accordo existente.

Art. 55.º A União dos atiradores civis portuguezes toma a seu cargo e sob sua responsabilidade o passivo das extinctas associações de atiradores que n'ella se fundiram e lhes deram origem.

Art. 56.º O mandato da commissão installadora cessa com a approvação e legalisação dos presentes estatutos, eleição e posse do conselho gerente e da commissão executiva sua delegada; e, qualquer que seja o periodo do anno, em que estes factos se realizarem, a primeira eleição deverá vigorar para um biennio completo e mais o tempo necessario para chegar ao começo do anno civil.

Art. 57.º No caso de dissolução eventual da União dos atiradores civis portuguezes, os retratos que existirem na sua sala pertencerão ás pessoas que representam, e, no caso de haverem já fallecido, serão entregues ás suas respectivas familias; os valores mobiliarios, incluindo livros e mais peças do archivo, ficarão pertencendo á carreira do tiro da guarnição de Lisboa; e o saldo pecuniario, depois de pagos todos os encargos, ficará á disposição do director da mesma carreira para o distribuir em premios, destinados a praças de pret, no primeiro concurso que vier a realizar-se.

Art. 58.º Os presentes estatutos constituem a lei organica da União dos atiradores civis portuguezes, e continuarão a sel-o emquanto cincuenta socios ordinarios no gozo pleno dos seus direitos, não requeiram até outubro de qualquer anno para serem alterados em reunião ordinaria da assembléa geral, os artigos que nomeadamente designarem, e a assembléa, por maioria absoluta, não votar as alterações requeridas.

Art. 59.º Quaesquer alterações a estes estatutos, approvadas pela assembléa geral, só começarão a vigorar depois de submettidas á approvação do governo.

Paço, em 31 de outubro de 1898. = José Luciano de Castro = Sebastião Custodio de Sousa Telles.

Agradecimento

Ao nosso estimado collega *O Seculo*, agradecemos penhoradissimos as imerecidas referencias que nos fez, no seu numero de 5 de corrente.

Confiados em a nossa antiga amizade, permita-nos o collega, que lhe digamos que foi benevolo de mais para nós, publicando, além de phrases que muito nos honram, a nossa gravura, quando é certo que não somos os unicos que nos temos devotado de alma e coração á propaganda da educação do tiro nacional.

ANSELMO DE SOUZA.

Secção litteraria

Portugal antigo

William Beckford e o Principe da Beira

(Continuado do n.º 149)

II

EMBORA o pareça, á primeira vista, não será aqui deslocado um relance sobre a França dos fins do seculo XVIII — a França, onde se estavam jogando os destinos da velha realza de S. Luiz, da gloriosa aristocracia das cruzadas!

Como acontece nas batalhas navaes, quando a nau almirante, ao findar o dia, rasa dos masts, ondulante, e ainda firme, o pavilhão, transformada em vulcão abraçado, ferida de morte no seio, mas arrojando ainda a morte ao inimigo, estremece, adorna, principia a submergir-se, e final-

mente se atufa nas aguas confundindo os ultimos clarões, do incendio com os derreadores raios do sol poente, assim, perdida a batalha, se abysmou a grande monarchia e a esplendorosa nobreza da França de Luiz XIV, no tempestuoso e sombrio mar da Revolução.

Correra-lhe a longa vida por onze seculos, heroica e brilhante, por vezes frivola e leviana!... E assim como viveu, morreu!

Os descendentes dos *preux* de Marignan e de Pavia tinham mostrado que não havia n'elles degenerado o sangue dos Foix e dos Bayard, quando em Fontenoy, defrontando com a columna cerrada dos inglezes — castello humano ouriçado de canhões, de fuzis e de bayonetes — os officiaes das *Guardes françaises* pleiteavam precedencias com os inglezes, e lhes respondiam: *Après vous, messieurs les Anglais!*

A geração que se lhes seguiu, tambem affrontou serena, jovial, e activa, os ferros do Terror na *Conciergerie*, e no Luxembourg; e a população, que corria para ver passar os aristocratas na carreta fatal, que, para muitos, foi o carro do triumpho, viu-os, placidos e risonhos, já com os olhos no cutello da guilhotina, e os pés nas taboas, escorregadias do sangue das outras victimas, repetir a gloriosa phrase, dizendo uns aos outros, como outr'ora nos seus salões — *Après vous, marquis — Après vous, duchesse!*

III

Emmudeceram e ficaram desertos dos seus antigos senhores, mortos ou foragidos, os palacios da córte, os castellos senhoriaes, e os paços dos reis — mas *scripta manent*.

Foi com os pamphletos, os jornaes, os pasquins, e as memorias dos que viveram no meio d'esse turbilhão vertiginoso e infernal, que os de Goncourt, os Houssaye, os Lacroix, os Taine, os de Lescurie, os de Saint-Amand, e quantos outros, conseguiram resuscitar para nós, um seculo depois, esse mundo extincto, reconstituir a scena de tantas tragedias — pouco antes theatro de tantos idyllios! — evocar os personagens, e fazer-nos assistir em Versailles e nas Tuileries, em Lyon e em Nantes, nos palacios reaes e nos salões e nas *ruelles* da aristocracia, nas reunioes academicas e no toucador das mundanas, nos theatros e nos acampamentos, nos *clubs* e nos cafés, na Assembléa Nacional e na Convenção, no Palais Royal e nas praças publicas, no tribunal revolucionario e na praça de Grève, ás mil imprevistas peripécias, aos mil dilacerantes episodios d'essa enorme revolução, que assignalou o fim do seculo, com a morte dos reis e a queda da monarchia!

* *

A Revolução franceza quem a fez não foi a espada d'um ambicioso feliz, foi a palavra dos philosophos e a penna dos escriptores.

O chefe d'essa longa conspiração intellectual, tramada nos proprios salões da nobreza contra ella, e tendo por auctores, e cumplices, e comparsas, as victimas que ella havia de trucidar, o chefe, repito, não foi um Cesar — foi Voltaire — o rei Voltaire.

Rei sem corôa, rei sem estados, rei espiritual, perseguido aqui, adorado além, temido em toda a parte, e, coisa singular, cartearando-se com os *tyrannos* e ao mesmo tempo defendendo as suas victimas, a figura do patriarcha de Ferney toma aos nossos olhos umas proporções gigantéas, quando o seguimos desde o principio do seculo, e o vemos acompanhá-lo quasi até

ao fim, dominando de toda a altura do seu prodigioso e inquebrantável espirito os homens e os acontecimentos d'esse fecundo e revolto período da historia da humanidade!

Novo Pedro Eremita, e bem diverso do outro, foi elle o prégador das novas idéas, o apostolo da nova religião. A bibliographia do célebre escriptor é enorme, e a universalidade do polygrapho é assombrosa! Mas onde se vê o que elle foi, por onde podemos avaliar-lhe a influencia na sociedade do seu tempo, e o prestigio do vivo e extraordinario engenho, é na sua correspondencia; e não é necessario lê-la, basta ver, no indice, os nomes dos personagens com quem elle se correspondia, e, procurando algum dos mais levantados na jerarchia social, attentar no tom e no estylo com que elle se lhes dirigia!

Os correspondentes de Voltaire eram a fina flor da aristocracia europêa, a começar pelas testas coroadas! Chamavam-se Benedicto XIV, papa, Catharina II, imperatriz de todas as Russias, Frederico II, o Grande, da Prussia, Christiano VII, da Dinamarca, Francisco I, imperador da Alemanha, Guilherme VIII, landgrave de Hesse-Cassel, o principe Galitzin, Gustavo III, da Suecia, o principe Henrique, da Prussia, Luiz Eugenio, de Wurtemberg, Estanslao Augusto, rei da Polonia, a duqueza de Saxe-Coburgo-Gotha, a princeza Ulrica, Carlos Theodoro, eleitor palatino, etc., etc., etc.

Entre a nobreza franceza figuram alli as mais illustres familias historicas, os Richelieu, os d'Aiguillon, Argence de Birac, o marquez, d'Argenson o conde de Argental, de Belloy, o cardeal de Bernis, o marquez de Chauvelin, o duque de Choiseul, de Cideville, de Condorcet, a marqueza du Deffand, madame d'Epinau, o marquez de Florian, madame de Fontaine, a duqueza de Grammont, os principes de Guise, o conde de la Touraille, o duque de La Vallière, o principe de Ligne, a condessa de Lutzelbourg, a duqueza de Maine, o conde de Rochefort, um antepassado do famoso Rochefort — do nosso tempo, o marquez Rouillé du Coudray, madame de Saint-Julien, o duque de St. Mégrin, a duqueza de Saint-Pierre, o conde de Schomberg, o conde de Schowallow, o marquez de Thibouville, o conde de Tressan, o marquez de Villette, o de Villevielle, etc., etc.! E o catalogo podia decuplicar-se, sem ficar completa a lista de todos os nobres correspondentes do auctor do *Diccionario philosophico*, do *Candido*, e da *Donsella d'Orleans!*

Foi nos salões d'esta aristocracia — infeliz amante das novidades litterarias e politicas, que lhes chegavam d'além da Mancha; e que, como diz um auctor celebre, não acreditava em Deus, mas acreditava nos milagres de Mesmer e de Cagliostro, foi n'esses salões que Voltaire teve os seus templos, e foi ahi que se organisou, lenta mas publicamente, a conspiração contra o *ancien régime!* Ahi se manifestaram e se elegeram os chefes d'esse exercito de demolidores; ahi se aguerriam as cohortes; ahi se forjaram as armas; ahi se planejaram os ataques, ahi se estudaram e se applaudiram os golpes!...

Depois — como o dom de adivinhar não é condão humano — quando o magestoso edificio veiu a terra, sepultou nas ruínas os seus defensores, e, com elles tambem, os ingenhos mineiros, que ajudaram a solapar-lhe os alicerces!

Nem tudo se pode prever...

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ÁÇA.

O régulo do Dahomé

(Marquez de Cherville)

(Continuado do n.º 149)

Este fez ver ao monarcha que os seus correspondentes em Marselha não negociavam n'esse artigo; mas que, com couraças e com homens, facil era arranjar couraçeiros, e, visto que elle tinha estes, aquellas a casa P... sentiria uma viva satisfação em lhe fornecer pelo mais modico preço; terminou a sessão pela encomenda de duas duzias d'essas armas defensivas.

Seis mezes volvidos, vinte e quatro caixas de madeira achavam-se alinhadas em frente da aringa do soberano de Dahomé; os cortezãos, grandes, médios e pequenos, procediam á desembalagem com uma actividade que o seu real amo se dignava secundar... a bastonadas.

Passados dez minutos, já as vinte e quatro couraças rutilavam aos raios d'um sol de quarenta graus.

O jubilo do principe attingiu as proporções do delirio.

Dançava, erguendo as mãos para o ar, e por ultimo sentou-se, sem d'isso dar tino, sobre o seu chapéu Gibus, pensando ser o throno.

O correspondente da casa P... remirava-se n'esta scena com uma lagrima ao canto dos olhos, dominado da viva commoção de homem que vê em perspectiva um bello presentinho de pó de ouro.

A dadiua appetecida valia bem a alegria proporcionada.

— Senhor, — disse elle ao monarcha — o effeito seria muito superior, mais exuberante a satisfação de Vossa Magestade, se lhe fôsse licito admirar essas magnificas couraças vestidas nos corpos dos que nasceram como que fadados para uzal-as.

O régulo limitou-se a fazer um signal. Logo dez cortezãos acercaram-se precipitadamente; mas um negro alto, mais lesto ou mais feliz do que os collegas, foi o primeiro a envergar a armadura.

O régulo de Dahomé mostrou-lhe a lingua: era esse o mais alto favor que na córte era dado ambicionar.

— Mas, — perguntou, dirigindo-se ao correspondente — estás tu bem conscio, branco, meu estremecido irmão, de que uma bala de chumbo é incapaz de atravessar este involucro de ferro?

Este jurou aos seus deuses essa impossibilidade e, corroborando o merecimento da veniaga, começou por contar as façanhas da nossa aguerrida cavallaria.

O régulo não o deixou acabar; pegou na carabina, visou o sol dourado que batia em cheio, scintillando, na couraça, fez fogo á queima-roupa e o pobre do couraçeiro cahiu fulminado.

O furor do soberano de Dahomé não se adivinha, nem se pôde contar.

Se a carabina fôsse de dois canos, o correspondente da casa P... faria companhia ao couraçeiro na sua viagem ás ignotas plagas.

Mas, como o monarcha era tão grande negociante como grande guerreiro, breve se tranquillizou.

Reflectira que essas armaduras, sem embargo de não serem á prova de bala, nem por esse facto deixavam de ser do mesmo modo agradaveis á vista; e, finalmente, que pela fórma como deliberára saldar o negocio, nada tinha a perder n'essa acquisição.

Não só, sob pretexto de que o tinham ludibriado na sua candura, recusou-se categoricamente ao pagamento exigido pela casa P..., mas tambem moveu uma acção

de perdas e damnos pelo negro, dos servicos de quem se achára privado.

O negro era precisamente, dizia elle, o seu primeiro ministro.

O processo corria moroso e a diplomacia entremetteu-se-lhe; o governo de Luiz Philippe, achando pouco agradavel onerar as rendas do estado com as despesas d'uma expedição á costa d'Africa, fez saber á casa P..., da qual o régulo do Dahomé acabava de arrestar os armazens, que o melhor seria que se compozesse amigavelmente com o monarcha africano.

Reclamava doze mil francos!

Por um primeiro ministro forçoso é confessar que não era pedir muito.

A casa P... pagou os doze mil francos.

O que tem graça é que o alentado pretalhão, que o régulo do Dahomé exigira fôsse cotado pelo preço d'um primeiro ministro, não passava de ser o seu cozinheiro.

Tradução auctorizada.

ERNESTO VIANNA.

SE o *Tiro Civil* quizer aproveitar essa prosa, que não revejo mais para não descambar em relatório, e que não assigno para o pôr mais á vontade na sua regeição, ahi lh'a deixo.

Escrevi-a para matar o tempo, emquanto uma negregada constipação me reteve, ha dias, em casa, só e longe dos meus.

Cortei-a, agora, o preciso, para que não pareça doença cerebral chronica a accidental excitação febril com que a dictara.

Cesto dos papeis velhos com ella, se, além do pouco ou nenhum interesse que lhe encontrem, os assustar a leitura de tão arrezada lettra. Não o façam, peço-lhes, pela intransigencia tão propria das republicas, por faltas que denotem não pertencer á das letras o auctor.

Abra a praça aos curiosos.

Lisboa, 25 de outubro de 1898.

Uma caçada ás cabras no Gerez

AHI vão no enfermicho, mas ainda consciente tropel em que me occurrem, as reminiscencias d'essa caçada de ha pouco menos de trinta annos! Uma bagatella!

Revive, porém, a minha alma de caçador, mas só ella, infelizmente já, no prazer de recordal-as e da expansão de as descrever agora.

É uma historia como todas as historias: os acontecimentos, apurados ou turpados, por convicção ou não de quem os narra, ao sabôr de quem os lêr. Esta pretende ser veridica. Os factos tenho a relembrarmos o livro em que os aponteí, dia a dia, com exacção; exacção, bem sei, dir-se-ha, de caçador, synonyma para muitos de mentira.

Os conceitos representam o pensar e sentir convicto de quem os escreve. Do tal livro alguns reproduzi tambem, com menos firmeza e calôr, é certo, cambiante do sasonar do tempo e do declinar da vida.

Que sejam pueris, desarrasoados mesmo, e ingenuas as impressões, pouco me importa.

É portuguez de lei o assumpto; essa feição me seduziu principalmente. Desenvolve-se no torrão patrio, entre gente portugueza, e mais ali por longe das cidades e fronteiras da que nos dominou outr'ora; com tradições proprias, e tão bem contadas como eu as ouvi, em linguagem castiça das bôças d'esses rudes montanhezes! Mais valeriam esses contos que os meus!

Falavam dos ursos que alli houvera, como hoje falarão das cabras que já não ha: bichos que tão bem iam n'aquellas regiões alpestres para maior attractivo da natureza, cultura do esforço nativo do homem, ainda recreio do seu espirito e alimento da innata põesia da sua alma.

Mas começemos a historia, que já tarda com tantos empecilhos sentimentaes.

Corria o mez de junho de 1871. Fóramos a Braga, eu e o meu amigo N., veranejar, depois de uma cura a Vizella, feita um pouco ao acaso, pelos processos de então; cura mais de ensino mutuo do que aconselhada pela sciencia, mas em que a maior fé em Deus e nas aguas dava eguaes resultados.

Iamos prevenidos de barraca, de camas de campanha e dos utensilios precisos para uma excursão á serra do Gerez, em que pensáramos. Tínhamos tambem connosco, como caçadores que eramos, as nossas espingardas e petrechos para qualquer eventual caçada, que se offerecesse. Só não leváramos cães, por não ser época em que servissem os perdigueiros, unicos que possuíamos.

Quiz o acaso que as batidas a furto nos coutos em Hespanha, mais frequentes com o chamamento dos carabineiros da raia á guerra civil, tivessem feito refugiar em Portugal o unico e dizimado bando de cabras, que n'aquellas paragens restavam de maior quantia.

Eram sete; andavam contadas e a sua cabeça, por assim dizer, a preço. As infelizes! Mas defendiam-se e bem com os recursos de que a natureza é prodiga, para prolongar até ao preciso a existencia das embora condemnadas victimas.

Apressavam-se os aprestos, em Braga, de uma caçada para seu exterminio! Soube-me-o em casa do conde de B., parente ainda, creio, do meu companheiro, de chofre, da boca do proprio conde: o que tanto bastou para, nos confins da patria, vêr-me logo de volta com essas estrangeiras, ibericas, ou antes sem patria! E, distrahido, seguia, já sem interesse, a descripção com que os donos da casa acompanhavam a revista, a que nos haviam convidado, com tanto e tão legitimo orgulho, dos retratos de seus avós e das antiguidades domesticas, caracteristicos d'uma força, que tão precisa foi e se esvae. Só nas cabras pensava!

Indagámos do promotor da caçada, e em casa d'elle nos apresentámos logo, levados pelo estimavel conde.

Era o M., director da alfandega. Olhounos de alto a baixo e com desprezo, ao saber a que iamos. Os caçadores anemicos e enlavados da capital eram mal vistos na provincia e, com razão. O exercicio e a dextreza tem alli mais onde usar-se, e o ar mais livre e puro e a vida rude dão musculos, que a educação na cidade não suppre, por melhor que seja. Mas eu tinha-os por este processo adquirido bons, e o meu companheiro, que os não possuia, sabia contudo em manha, e dextro ao tiro, como era, chegar, na caça, onde os outros, e assim, n'um arrojado impeto de immodestia, arrisquei-me a assegurar-lhe que onde elle fosse, ou o melhor, iríamos nós.

— Pois bem — nos disse, — amanhã, ás 6 da manhã, á porta d'esta sua casa, a cavallo, com a espingarda e cartuchos de bala.

Depois d'aquella bravata, nem lhe perguntei que mais era preciso. E assim adeus os deleitosos confortos que previra da boa barraca, a cama propria e limpa, a comida certa e bem cosinhada; tudo deli-

cias, a que acostumara o corpo na commodista vida de caçador da côrte!

No dia seguinte, á hora marcada, dando-me ao diabo um pouco o meu tambem commodista amigo N., apresentámonos os dois, escoteiros, n'umas azemulas alugadas. Além das armas, apenas uma manta, que por cautela pozeramos nos aparelhos. Para castigo dos meus peccados, chovia uma chuva miuda, lamacenta e embirante, para se livrar da qual o meu companheiro, por os seus peccados serem talvez maiores, só possuia uma capa á hespanhola! Eu era senhor d'uma boa capa de borrracha, que fazia a inveja de todos; valeu-lhe a elle a de oleado d'um guarda fiscal.



Manoel Figueira Freire da Camara

Fundador do Club Taumachico, socio fundador e membro da direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes

Partimos: rompia a marcha o guarda, o que cedera a capa, a pé; seguia o M., em general. Bella figura, no vigor da vida ainda; espessa e crescida barba a emmoldurar masculino rosto. De corpulencia que obrigava a valente, encargo pesado para muitos, mas este era o deveras; tinha-o sido: déra provas na Maria da Fonte. Vivia já um pouco da fama. Mas eram justos, ainda, todos os motivos do desprezo com que nos mirara.

Montava um cavallo hespanhol, de mais da marca, de grandes movimentos — os da estatua de D. José. Tirava-lhe um pouco a magestade a polka, a que era obrigado por dois esparvões. Em, aquecendo, voltava a magestade.

Seguiam-se sem ordem, conforme o ardor dos bucephalos e a phantasia dos ginetes, os restantes do rancho, todos escoteiros egualmente. Eram a mais o F., sobrinho do general do mesmo nome; o P., medico já de renome, filho de outro, cuja fama queria egualar. Pouco caçadores ambos. Era mais um passeio que faziam, passeio aproveitado ainda pelo segundo em caridosas consultas. Bons e estimaveis companheiros. Promptamente se romperam as cortezias convencionaes, para no melhor trato e expansão propria da idade, entrarmos no mais agradável e alegre convívio.

Só o meu companheiro de Lisboa continuava um pouco succumbido pelo compromisso que em seu nome tomara para com o M. Estava sumido nas duas capas,

um cleoptero, surdindo, por baixo dos elytros, as vistosas bandas de velludo como azas.

Caminhámos todo o dia. A principio, até ao Cavado, por estrada de macadam, depois com o rio Homem á vista a maior, ou mener distancia, ora por troços de antigas estradas, ora por caminhos invios e escorregadios, mas frondosos e pittorescos, como todos os do formoso Minho.

A meia jornada além da Castanheira, onde passáramos a sésta, veio ao nosso encontro o logar tenente do M; o propriamente organisador da caçada, o J. M., antigo contrabandista, antigo no sentido de *ex*, para decoro da presente auctoridade fiscal, não havendo desdouro para nenhum que fossem até amigos e intimos, como na realidade eram. Naquelle momento punham treguas no, porventura, antagonismo, que entre ambos ainda existisse.

Estava vendo n'elles a distincta feição do arabe e do godo, descrito por Herculano; ambos fortes, mas um cauteloso e pesado; o outro audaz, delgado e vivo.

A completar o contraste, montava o contrabandista uma egua fina, ligeira, na qual voava sobre covas e barrancos.

Ao pôr do sol chegávamos ás Carvalheiras, acompanhados já de outros caçadores, que se nos haviam aggregado.

Esperava-nos a philarmonica da terra, repique de sinos e foguetes, e em casa do contrabandista, frugal comida, ajudada da verde e saborosa pinga.

Não dormimos ali, porque antes o tecto de estrelas do que o quarto que nos destinaram com duas camas, de que, previamente se sabia a relação de bicharada, entre ambas.

Fomos ficar para casa do padre J. M., preferindo a unica cama de que dispunha, estreita para dois corpos, mas limpa de bichos.

Bom homem e sympathetic, o padre. Na sua pequena bibliotheca é que não ostentava muito um espirito intransigente, como deveria ser, em materia ecclesiastica. Via-se a par de Chateaubriand, Victor Hugo e os sermões do padre Jacintho. Não era caçador, talvez o precoce abdomen o fizesse pensar de preferencia n'uma cadeira de conego. Era illustrado, conversador, e não se furtava a narrativas de caça, com graça e bom conceito: um theorico.

Em Brufe, aldeia da encosta fronteira, a tiro de espingarda nas alturas, mais distante pelo valle profundo em que corre o Homem, é que vivia o verdadeiro caçador dos sitios, o padre Gaio, parocho. Esse sim, caçador da gemma. Alto, esguio, a pelle e o osso, mas de aço as canellas; olho vivo um pouco pisco, queixo voluntarioso. Bom atirador. «Matta-as no ar» diziam d'elle e a proposito das cabras. Mandara uma por elle morta a Dom Pedro V, e a do museu de Coimbra parece-me d'elle tambem.

Estou-o vendo a destacar-se no céu, de sotaina, chapéu desabado e espingarda ao hombro, surdindo, n'um pulpito de pedra cortado a pique, a mais de 100 metros, a dar por finda, em voz stridente, a derra deira batida do primeiro dia.

D'aquella tempera deviam ser os heroes da Igreja, que empunharam a espada!

Veiu logo ao conselho, que reuniu na primeira noite em casa do contrabandista

J. M. N'uma discussão, em que os *b b* se trocavam pelos *vr*, a desmentir um pouco a pureza de linguagem em que falei, mas em que não faltava o colorido da phrase e a clareza das razões, lá se delinheu a campanha: batida, no primeiro dia, aos cursos e gamos, na parte mais baixa, menos frágos, mas mais arborizada da serra, com os 150 caçadores que contávamos, fazendo de portas umas 20 espingardas e o resto de batedores. No segundo, a caçada ás cabras na parte mais elevada, nos alcantís pedregosos, juntos á raia, do mesmo modo em batida, e realisa esta de Hespanha para Portugal. Teriamos o vento a favor das portas, e fechar-lhes-íamos a retirada.

Compareceu n'esse conselho o Marcel, regedor, sobrio de palavras. Rival do padre Gaio, senão no tiro, no conhecimento do terreno; nascido ali, ali creado e já idoso, explicava-se. Edoso e desdentado, mas erecto e rijo. Do cargo ou do feito, aucto-ritario. A regedoria e a chefia nas caçadas tornava-o até um despota. Expulsou um padre, como eu vi, no segundo dia, ao subir para as cabras, por ter, depois do ordenado silencio, queimado um fulminante! E não cedeu a rogos do proprio, nem de estranhos.

Vestia *nisa*, como muitos, de brixe, gola direita, e pequenas abas, do seculo passado. Nos pés, como a maior parte, tamanco pezado, de pregadura de carro, aberto no calcanhar. E vam lá discutir calçado! É fazer da pelle couro e todo é bom. Era o chefe da minha turma. O N. encor- porou-se na do padre Gaio.

(Continúa.)

CAÇA

Manuel Figueira Freire da Camara

UM dos primeiros entre os mais distinctos sportsmens de Lisboa; no yac-ting, no turff, na tauromachia e na caça, conta amigos dedicados e admiradores de sua requintada delicadeza e leal camaradagem,

Manuel Figueira é caçador especialista, dedica-se á caça das lebres, na qual tem feito correr optimas trelas e magnificos cavallos.

Foi um dos fundadores do *Club Tauromachico* e da *Associação dos Caçadores Portuguezes* de que ainda hoje é um dos mais valiosos membros da direcção.

Festa íntima

UM grupo de habitués da *Associação dos Caçadores Portuguezes* festejou o dia 3 do corrente, orago do patrono dos caçadores, com um jantar que se realisou n'uma das salas da Associação.

A pequena festa que foi revestida de um caracter de intimidade entre os promotores e seus convidados, correu como era de esperar animadissima. O jantar foi um primor da arte de Vatel correspondendo em tudo ás delicias do

MENU

Potage de lievre à la José Paulo, Ragot de lapin au Chasseur Portugais, Roti de perdreaux sauce «Venator» Petit-riz de cailles en retard á la St. Hubert, Vol-avent de perdreaux á la Chenier, Ramiers stable sauce tante Christine, Roti de lapins savantes avec bordure en herbage, Pa-

tisseries Divers, Dessert Vins Nationaux, Café.

Assistiram os srs. Ernesto Salles, Victorino da Silva Almada Junior, José Alves Ribeiro Troni, Eduardo Jayme Aldin, Dr. Henrique Anachoreta, Luiz Wasa Cesar de Andrade, José Alves Chaves, João Jorge Cecilia Kol, Ricardo Freire, José Queiroz, Henrique de Brederode e ao toast os srs. Rebello da Silva, Esteves, Figueiredo, Rezende etc.

O jantar terminou ás 11 horas da noute com uma renhida partida de bluff. A caça foi offerecida pelo grupo Venator.

Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é orgão official da Associação)

Parte official

AVISOS

SÃO por este meio prevenidos os socios d'esta Associação de que tendo sido approved pela direcção o modelo do emblema pessoal que deverá ser gravado em prata dourada, o gravador não se encarrega da abertura dos respectivos cunhos sem que se achem inscriptos 250 socios que desejem esse distinctivo.

O emblema em prata dourada com a competente fivella e fita custa 1\$000 réis e na séde da Associação fica aberta a inscripção.

*

Em cumprimento do programma que presidiu á fundação da Associação dos Caçadores Portuguezes, deseja a direcção organisar um canil onde os socios possam recolher os seus cães nas melhores condições de economia, salubridade e hygiene e para avaliar o espaço e installações a que tem de proceder em breve, pede aos socios que desejem utilizar-se d'esse melhoramento a fineza de prevenir a direcção dizendo o numero e raças dos animaes que deseja depositar.

O Secretario

HENRIQUE ANACHORETA.

Grupo «Venator»

ANONA caçada realisaada pelos membros d'este grupo que são todos socios da *Associação dos Caçadores Portuguezes* effectuou-se nos dias 30 a 31 de outubro, começando no Poceirão e terminando em Aldegallega.

Tomou parte na caçada o sr. Joaquim da Silva Pisco de Bemfica os srs. Luiz Wasa de Andrade, Victorino da Silva Almada, Eduardo Jayme Aldin e Dr. Henrique Anachoreta; 29 coelhos, 9 perdizes, 1 lebre, 2 codornizes e 1 tordoveia foram as peças abatidas nos dois dias.

A 10.^a caçada d'esta epoca realizou a o grupo no domingo 13 do corrente nas propriedades do sr. José dos Santos, no Livramento, que foi de inexcédível de amabilidade com os seus convidados offerecendo-lhe um opiparo jantar.

Foram mortos 39 coelhos, 4 codornizes e uma perdiz; tendo assistido á caçada os srs. Hemeterio de Barros e Vasconcellos, das Barras, Augusto José da Silva, Porta de Torres Vedras, José Thomaz e os membros do grupo Eduardo Jayme Aldin, José Joaquim Marques Junior, Dr. Henrique Anachoreta e Victorino da Silva Almada.

Galinholas

COMEÇAM as *bicudas* e espicaça o brio e ardor dos nossos Nemrodos.

O caçador profissional Mendonça, da

Malveira, matou uma no dia 3 de outubro ás 3 horas da tarde, em Bellas, vindo-a gentilmente e pessoalmente offerecer á *Associação dos Caçadores Portuguezes*. No mesmo dia o sr. Manuel do Casal da Pedra, guarda e chefe dos batedores da Associação, matou outra no Cacem.

No dia 1 d'este mez o nosso estimado assignante o sr. Bandeira Codina, de Thomar, matou outra *bicuda*, proximo do Porto de Cavalleiros.

Temos noticias de mais algumas, mortas n'outras localidades, taes como Samora, Aldegallega, Lourinhã etc.

O anno promete ser abundante, o que é um alegrão para os devotos de Santo Huberto.

NAUTICA

Regata em Paço d'Arcos

REJUBILAMOS sempre que a nossa revista publica, como hoje, retratos de gentis damas; infelizmente o nosso *sport* é pobrissimo n'este assumpto, o que faz com que raras vezes tenhamos esse prazer.

Hoje prestamos homenagem a duas interessantes meninas, filhas, uma do nosso distincto amigo o Sr. Conselheiro Luciano Cordeiro, a outra, do nosso bom amigo e collega da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* o Sr. Lionildo de Mendonça e Costa.

D. Julieta de Mendonça e Costa

Esta gentil senhora é nossa patricia, natural de Lisboa; de educação esmeradissima que recebeu no collegio de M.^{me} Rangel Baptiste, onde entre muitas prendas, aprendeu o francez e inglez que fala correctamente.

Em 1895 acompanhou seu pae, por occasião do Congresso de Caminhos de Ferro, fazendo uma grande digressão pela França, Inglaterra, Escocia e Irlanda, completando os seus conhecimentos, já notaveis, do inglez.

De espirito varonil, viaja sem fadiga, levantando-se e fazendo a toilette com a rapidez do verdadeiro touriste, o que, diga-se de passagem, não é muito vulgar.

Em 27 de setembro de 1896 entrou pela primeira vez n'uma regata, em Paço d'Arcos, correndo duas vezes no escaler *Maria Luisa*, ganhando ambas as corridas, na 1.^a foi timoneiro, Mario Allen; remadoras D. Julieta e D. Aida Perry Vidal, contra: D. Eugenia Passos Costa e D. Leopoldina Cordeiro.

Na 2.^a corrida, timoneiro Duarte Ralo e remadoras: D. Julieta e D. Octavia Perry Vidal, contra: D. Leopoldina e D. Ermelinda Cordeiro.

Na ultima regata, em 23 de outubro findo, em que correu no escaler *Nine*, remando á voga, tambem ficou vencedora obtendo o premio de S. M. a Rainha D. Maria Pia, uma pulseira d'ouro representando duas cobras com brilhantes e sa- phiras.

D. Leopoldina Cordeiro

Como a sua gentil companheira é natural de Lisboa; formosa, é um verdadeiro ornamento da nossa sociedade elegante, com uma educação e illustração primorosa, recebida em casa de seu pae; discipula do distincto professor de canto, Velani, é uma das nossas mais notaveis *virtuosas*.

Avafel e extremamente boa, tem com-

tudo genio varonil que a torna uma distincta remadora; vencida n'outras regatas não lho soffreu, por muito tempo, o animo altivo e arrojado, e tanto que, ahí a temos vencedora:

A regata do dia 23 de outubro, foi o seu primeiro triumpho, que alem dos muitos applausos, lhe valeu um premio de S. M. a Rainha D. Maria Pia, um lindo broche, representando o nó da casa de Bragança, com um brilhante, um rubi e uma saphira.

Das nossas gentis remadoras nada mais dizemos, o resto dil-o as nossas gravuras, copias fieis de duas magnificas photographias.

A's gentis remadoras, os nossos applausos.

EDUCAÇÃO PHYSICA

FALA-SE ha dias, como em questão resolvida, no proximo estabelecimento de gymnasios junto de alguns dos nossos lyceus, a começar pelo de Lisboa.

Merece-nos especial registo este cuidado pela educação physica de dezenas de crianças submetidas a um programma de ensino que, a ser executado sériamente, não deixará de lhes exigir por vezes ao cerebro um trabalho immoderado, excessivo e perigoso. Devemos receber de braços abertos tudo o que tenda a contrabalançar a sobrexcitação intellectual que vae pelas nossas escolas de todas as hierarchias. E' tempo de lhe ligarmos a importancia de uma verdadeira doença, que se esconde traiçoeira atraz das causas mais palpaveis da nossa sensibilidade precoce, do nosso triste deffinimento.

Um ou dois reparos todavia nos é licito fazer a essa medida, sobre a qual parece á primeira vista que nada ha a observar.

Porque se ha de começar pelos lyceus a adopção dos exercicios gymnasticos? Porque se hão de limitar, ás dezenas de crianças, que os frequentam, os beneficios salutareis da hygiene do exercicio e não se hão de estender aos milhares de alumnos das escolas primarias?

Trata-se de fazer face a um mal, cuja ameaça se circumscryve aos lyceus, ou de melhorar um estado geral de decadencia que se agrava de dia para dia?

No primeiro caso, teriamos a confissão clarissima de que a reforma de instrucção secundaria, ciosamente esguardada, como nenhuma outra, de modificações, mesmo as mais pequenas ou as menos aterradoras da sua essencia, não póde vingar, na integridade dos seus programmas, sem prejuizo para a saude das crianças. E' a conclusão que nos resultaria ao vermos acudir com gymnasios só aos lyceus, quando a gymnastica existe ha annos na letra morta dos nossos programmas primarios.

Talvez que o começar por elles a educação physica represente uma mera prova de entrañavel amor, com que o estado se occupa actualmente da instrucção secundaria. N'este caso impende ainda aos que encaram com serenidade e sem predileções o grande problema do ensino, lembrar que uma tal preferéncia não se harmonisa com o desenvolvimento natural do organismo humano, nem com os resultados geraes que há a esperar do gymnasio nas terras densamente populosas, como Lisboa, cuja agglomeração em alguns bairros torna impossivel, o movimento, o asseio, a aspiração de ar sufficientemente puro.

Não sabemos o que nas regiões officias se entende pelo gymnasio, que dizem ir montar-se nos lyceus; se é um pateo ou casarão recheado de instrumentos e appparelhos que lembrem apparatusamente os circos de athletas e acrobatas, e d'onde os alumnos e as familias fujam amedrontados, como aconteceu com as primeiras installações d'este genero na Allemaihã e na França, e, a exemplo d'ellas, aqui ha annos entre nós.

Sendo assim, não pleiteamos preferéncias para os estabelecimentos de ensino primario, onde ha ornamentação de sobra. Mas, se por gymnasio se entende, á maneira discreta da antiga Grecia e da moderna Belgica, o concurso de elementos naturaes, sobretudo, taes como a immensa variedade de jogo, e methodicos, como alguns exercicios com poucos instrumentos portateis e ainda menos appparelhos fixos para as crianças executarem, sem perigo e sem tédio, todos os movimentos que concorrem para que os diferentes órgãos funcionem bem, se desenvolvam e fortifiquem; se por gymnastica se entende um

conjuncto despretençioso de exercicios corporaes, cuja execução seja animada do prazer são e varonil que o espirito sente n'elles, reclamamos então, em nome do bom senso e do verdadeiro interesse nacional, que se principie a educar o corpo por onde se principia, a educar o espirito, que, como aquelle tambem tem a sua hygiene.

Infelizmente, nas grandes cidades os nossos filhos não dispõem da largueza e da liberdade das povoações rurais. Não tem as ruas lavadas de ar como os campos, nem fazem o exercicio que durante um mez de férias tamanha influencia operou na sua economia organica contra o fastio, a atrophia muscular, a diminuição de calor, o empobrecimento de sangue, etc., devidos a perto de um anno de inactividade physica e de uma quasi tortura mental.

Fruissem elles d'esses meios de conservação da saude e de averigoramento das forças, e não se nos dava que o governo começasse a organizar o ensino da gymnastica pelos ultimos annos das escolas superiores, nas edades em que ella poucas ou nenhuma modificação pode determinar no que está feito.

A educação physica, conquistando nas nossas leis escolares um logar ao lado da intellectual, tem por primeiro objectivo a possivel compensação das faltas materiaes, que nas cidades populosas, cheias de requintes da civilização, affectam gravemente a vitalidade humana desde as primeiras edades. Nas povoações rurais, em plena natureza, onde o homem continua a ser senhor do poderoso instincto de conservação, que depressa se lhe apaga nos centros civilizados, seria de uma suprema ironia a montagem de um gymnasio.

E' exactamente para tão subidas vantagens naturaes que nós erguemos, da nossa decadencia, constantes aspirações procurando, com muito trabalho, pela sciencia da educação os recursos hygienicos, os agentes vitales de que outros estão naturalmente cercados.

A carreira, o salto, os jogos, em summa, todo o exercicio que provoquo uma completa acção muscular, que accelere a circulação do sangue, que, activando as aspirações, faça absorver bons traços de oxygenio, n'um recinto amplo, bem arejado e illuminado, como deve ser o gymnasio das escolas; uma hora por dia d'esses exercicios salvaria muitas crianças da atrophia, do rachitismo a que succumbem pelas vieilas escuras e pelos cubiculos apertados e infectos das cidades.

Dotem-se os lyceus com os exercicios gymnasticos quando chegar a sua altura. Continue-se n'elles, com a convicção entusiastica da sua especialissima influencia, a obra do desenvolvimento physico da mocidade ao mesmo tempo que a da instrucção, começada na escola primaria, incuta-se-lhes para a vida o amor ao exercicio como o amor ao estudo, assegurando-lhes simultaneamente a saude do corpo e a do espirito.

Aos 12 annos muitas vezes já é tarde para corrigir habitos viciosos do corpo, para melhorar-lhe deformações organicas e consolidar a ossatura. Da escola primaria, no seu grau menos elevado, é que deve partir o ensino da gymnastica, já que não é possivel fazel-o do nosso acanhado meio domestico. Não são apenas as leis da natureza que assim o exigem; é a obrigação e o interesse do estado em generalisar os seus altos brneficios a todas as classes, a todas as familias.

A grande maioria da nossa população escolar não chega a transitar pelos lyceus; sahe das escolas primarias para a aprendizagem dos diferentes misteres da vida, e, por conseguinte, a educação physica ministrada apenas n'aquelles estabelecimentos será uma gota d'agua no oceano.

O mais curioso, porém, da questão e que basta para abonar o criterio indigena em cousas de ensino, é que: de um lado, as artes e as industrias clamam por obreiros sadios e fortes; do outro, a defeza da patria por soldados adextrados e vigorosos; e, de um terceiro, o estado geme com a aposentação de centenas de funcionarios de toda a especie, encanecidos, estropiados aos 50 annos de idade, não pelo serviço, escusado é dizel-o, mas pelas consequencias morbidas do desprezo soberano a que se vota o corpo n'este seculo das conquistas sublimes de espirito.

De todos os lados pedem-se *homens*, reconhecendo-se á força muscular um papel fundamental na larga esphera da actividade humana; mas as escolas do que menos se occupam é de formar homens!

E' curioso, pois não é?

NICOLAU FLORENTINO.

Completamente de acordo com o artigo que acabamos de transcrever, do nosso es-

timado collega *O Seculo*, firmado por *Nicolau Florentino*, pseudonimo do distincto e illustrado professor, director da escola primaria de Bemfica o nosso bom amigo, o sr. Antonio Maria de Freitas, podemos assegurar que, é caso resolvido, o ensino da gymnastica em alguns lyceus, começando no de Lisboa.

O sr. conselheiro director geral da instrucção publica, prestará um enorme serviço á regeneração physica d'este enfezado povo, estabelecendo a gymnastica não só nos lyceus mas tambem nas escolas primarias.

Aproveitando o pessoal licenciado que tem ao seu dispôr, e, quasi com a mesma despeza, ministrava este util ensino nas escolas de Lisboa, ligando o seu nome a uma reforma que lhe dará honra.

Temos esperança que o distincto funcionario, que é um espirito superior e altamente illustrado, conhecedor como é, dos progressos da sciencia, activo e comprehendedor, attenderá a esta enorme necessidade, — a educação do corpo a par da educação do espirito.

■ São esses os nossos ardentes votos.

VELOCIPEDIA

Sport Club do Pará

N'ESTE magnifico club realizaram-se umas corridas, na sua pista particular, commemorando o seu 2.º anniversario, em 25 de setembro ultimo, cujos resultados foram os seguintes:

1.ª *corrida* — Infantil — 490 metros, 2 voltas.

1.º Jayme Lobato.

2.º Arthur Rodrigues.

Tempo 1'.

2.ª *corrida* — Seniors 2.ª — 1:060 metros, 8 voltas.

1.º Abelard Silva.

2.º Roberto Macedo.

Tempo 4' 55" 1/5.

3.ª *corrida* — Juniors 1.ª — 1:225 metros, 5 voltas.

1.º Augusto Guerreiro.

2.º Renato Savenay Ferreira.

Tempo 2' 25" 2/5.

4.ª *corrida* — Seniors 1.ª — 2:450 metros, 10 voltas.

1.º Theophilo Soares.

2.º José Danin.

Tempo 4" 3".

5.ª *corrida* — Infantil — 245 metros, 1 volta.

1.ª Hiida Bentes.

2.ª Paqueta Abreu.

3.ª Pedrita Danin.

6.ª *corrida* — Juniors 2.ª — 1:225 metros, 5 voltas.

1.º João Ribeiro.

2.º Annibal Aguiar.

Tempo 2" 15" 5/5.

7.ª *corrida* — Desafio — 1:225 metros, 5 voltas.

Entre os srs. Abelard Silva, Oscar Avelar e Roberto Macedo, ganhou Abelard Silva em 2' 4" 3/5.

JURY

Commissarios — Delphim Guimarães, Dr. Heliodoro de Brito, Jayme Abreu, L. Sampaio e F. Snape.

Juiz de partida — Eduardo Cruz.

Juiz de chegada — Eugenio Soares.

Contadores de voltas — Jayme Soares e Joaquim Pego Junior.

Chronometers — José Calheiros e Th. White.

Fiscaes de pista — Frederico La Rocque, Edmundo Silva, Arthur Cardoso, Elias Leite, Armando Velhote, Affonso Haas, Americo Gadelha, Rodolpho Paul e José Malcher Aury.

Policiamento da pista — A. Riekenberg, José Santos, Dr. Mecenas Salles, Martins Junior, Antonio Santos, Manuel C. Pereira de Sousa, Narciso Borges, Alfredo Ruiz, Alfredo La Rocque, Robilhard e Victor Veiga.

Em commemoração da descoberta da America, voltou este club a promover outras corridas no dia 12 de outubro findo; escusado é dizer que foram esplendidas de concorrência e entusiasmo. Damos em seguida os resultados:

Record de 20 kilometros estabelecido pelo sr. Americo Gadelha, sem *entraineurs*, em 36' 42".

1.^a *corrida* — Infantil! — 490 metros, 2 voltas.

1.^o Edgar Mello.

2.^o Nelson Arnoso.

Tempo 1' 4" 1/5.

2.^a *corrida* — Seniors 2.^a — 1:960 metros, 8 voltas.

1.^o Oscar Avellar.

2.^o Renato Savenay Ferreira.

Tempo 4'.

3. *corrida* — Juniors — 1:225 metros, 5 voltas.

1.^o José Benodiel.

2.^o Leopoldino Santos.

Tempo 3' 11" 2/5.

4.^a *corrida* — Seniors 1.^a — 2:450 metros, 10 voltas.

1.^o Avelino Gadelha.

2.^o Rodolpho Paul.

Tempo 4' 23" 3/5.

5.^a *corrida* — Pedestre — 245 metros, 1 volta.

1.^o Jayme Abreu.

2.^o Arnaldo Pego.

6.^a *corrida* — Pedestre — 490 metros, 2 voltas.

1.^o Armando Couto.

2.^o Renato Lavenay Ferreira.

JURY

Commissarios — Delphim Guimarães, Dr. Heliodoro de Brito, Jayme Abreu, L. Sampaio e F. Snape.

Juiz de partida — Eduardo Cruz.

Juiz de chegada — Eugenio Soares.

Contadores de voltas — Martins Junior e Joaquim Pego Junior.

Chronometers — José Calheiros e Th. White.

Fiscaes de pista — J. Maréchal, J. Dantin, Frederico La Rocque, Edmundo Silva, Arthur Cardoso, Elias Leite, Armando Velhote, Affonso Haas e José Malcher Aury.

Policiamento da pista — A. Riekenberg, José Santos, Antonio Santos, Dr. Mecenas Salles, João M. Cunha, Manoel C. Pereira de Sousa, Narciso Borges, Alfredo Ruiz, Alfredo La Rocque, Robilhard e Victor Veiga.

Projecta-se para o proximo dia 15 de novembro outras grandes corridas velocipedicas na mesma pista, promovidas pela Intendencia Municipal.

Disputar-se-ha entre outras corridas, o Grande Premio da Intendencia Municipal, oferecido pela mesma, e que será corrido em series attendendo ao grande numero de corredores inscriptos.

— No dia 16 de novembro realisam-se umas regatas promovidas pela Intendencia Municipal e nas quaes se acham já inscri-

ptos varios escaleres de 2, 4, 6 e 12 metros, promettendo serem bem disputadas. Pará, 30 de outubro de 1898.

CYCLAMOUR.

Porto, 3 de Novembro de 1898.

Pouco ou nada tem succedido de importante em cyclismo n'esta cidade.

E' o que succede todos os annos quando se aproxima o inverno.

O passeio official que o Real Velo Club do Porto organisou para celebrar o quinto anniversario da sua installação, sendo o trajecto, Porto-Foz-Mattozinhos onde se realisou o almoço ao qual assistiram 62 convivas.

A festa correu no meio do maior entusiasmo sendo levantados muitos brindes; o regresso effectuou-se ás 3 horas da tarde correndo sempre tudo na melhor ordem.

As corridas de estrada que o R. V. C. P. devia realizar no mez de setembro, ficaram adiadadas por causa do mau estado das estradas.

Regressou da sua quinta do Castellinho onde esteve enfermo o nosso prezado amigo Olyntho.

Folgamos com o seu prompto restabelecimento.

Falla-se em que serão organisadas muitas excursões n'este inverno.

PEDAL CHICO.

Diz um nosso collega estrangeiro, que é provavel que na exposição de Paris em 1900 se preparem logares, junto das 10 entradas principaes, para 40:000 bycicletas, que é pouco mais ou menos o numero calculado de visitantes que diariamente visitarão a exposição, tendo ido n'este meio de locumuição.

Que magnifico espectáculo deve ser o verem-se formadas n'uma só secção 40:000 biciletas!

TAUROMACHIA

Figueira da Foz

REALISOU SE no dia 23 de outubro, no Colyseu Figueirense, uma garraiada particular promovida por um grupo de cavalheiros d'esta cidade e da colonia balnear, fazendo parte da commissão os ex.^{mos} srs. conde de Caria, conde de Bersós, Manuel Gavino, Zacharias José Esteves e Antonio David.

Correram-se 7 garraios pertencentes ao nosso amigo Alberto Vaz, cumprindo quasi todos com o seu *dever*.

Tomaram parte n'esta diversão como cavalleiros: Virgilio Pereira dos Santos, Albano Custodio e Manuel Poça; — bandarilheiros: Alberto Moura e Sá, Antonio Silvano, David Vianna, Augusto Coelho, José Ulysses, Julio Pestana, J. M. Rocha da Fonsoca e o artista Luiz Homem que foi incansavel coadjuvando os amadores; forcados Alfredo Soares, Luiz Dias, Antonio Roque, Francisco Serrano, Antonio Monteiro, Constantino Pessoa e Augusto Jorge, campinos: Augusto Barros e Adolpho Rodrigues.

Distinguiram-se a cavallo Virgilio dos Santos que teve esplendidos ferros á tira, e Albano Custodio que conseguiu animar os espectadores collocando um magnifico ferro curto.

Em bandarilhas e capote tornou-se notavel o arrojado David Vianna, não deixando os restantes amadores de fazer a diligencia para agradar.

As pégas foram rasoaveis especialmente a de Antonio Roque, Luiz Dias e Alfredo Soares e uma *meia* feita por Manuel Gavino, que achando-se a dirigir a corrida e não havendo quem quizesse pegar um garraio por ser bastante corpulento e de po-

der, saltou á arena, pegando rijamente o bicho mas só *d'uma banda*...

A direcção da corrida foi boa.

Agradecendo o amavel convite da commissão promotora, resta-nos felicitar os cavalheiros que d'ella fizeram parte, pela esplendida diversão que nos ofereceram, merecendo os mais sinceros applausos pela maneira brilhante como se houveram da sua missão.

A' noite reuniram-se no hotel Reis a commissão promotora e os cavalheiros que tomaram parte na garraiada, onde foi servido um lauto jantar, trocando-se entre elles os mais affectuosos brindes.

Assistiram além das pessoas mencionadas mais os seguintes cavalleiros: Arthur Avelario, dr. David Henriques, Xavier Gouveia, José Caria, J. Cardeira de Mattos, e o *ganadero* Alberto Vaz, José de Lacerda, Antonio Caria, João Sarmento e Justiniano Fonseca.

Terminado o jantar seguiram todos para o café Oceano onde se realisou uma pequena festa reinando a mais franca alegria.

Houve descantes á guitarra, monologos etc., salientando-se Luiz Dias recitando uma poesia improvisada intitulada *A garraiada d'hoje*, sendo muitissimo applaudido.

Festas d'estas não se esquecem sendo dignos dos maiores applausos os seus iniciadores.

Campo Pequeno

DA 30 de outubro — Em beneficio da *Caixa das Pensões Tauromachicas*, realisou-se n'esta tarde uma corrida, cujos productos não poderão ser mui grandes, attendendo á entrada pessima que houve. O espectáculo resultou aborrecido em extremo. Fernando de Oliveira e Fernando Ricardo Pereira, portaram-se bem, sobretudo o primeiro que, além de artista correcto, se patenteou um equitador de primeira ordem. Dos bandarilheiros distinguio-se Arthur Felix, em tres pares bons, dois a *cambio*, e um *al cuarteo*, e em alguns lances de capa, que lhe valeram uma grande ovação. Calabaça, Carlos Gonçalves, Thadeu, Torres Branco e Raphael, ouviram palmas abundantes e justas. O *espada Chispa* lidou a sós o 8.^o e, depois de prender o primeiro par, oferecido á imprensa portugueza e á imprensa hespanhola, representada n'esse momento pelos srs. drs. D. Adolpho Huertos e D. Francisco de la Vega, redactores-correspondentes da *Correspondencia de España*, foi colhido, soffrendo algumas escoriações no rosto. Apesar d'isso, o arrojado artista, com a cara banhada em sangue, pede ferros e prende no cobardão mais quatro pares de *los buenos*.

Com o capote esteve aceitavel e valente e com a *muleta* não primou como o seu costume. *Chispa*, que toureava gratuitamente, foi alvo de grandes ovações. Bruno Silvan (*Chispita*), esteve incansavel na brega, assim como Torres Branco que, dia a dia, mais progressos nos demonstra. Foram pegados cinco touros, e a direcção, a cargo de Botas, não foi das melhores.

Antes de terminarmos, cumpre-nos elogiar Raphael Peixinho, pela forma acertada e digna como se portou, afim de levar a effecto essa corrida que, se todos comprehendessem o *bem*, devia ser uma das primeiras a realizar-se em seguida ás da empresa.

EL SOBRESALIENTE.